

Mais desempregados no DF

FOTOS: TONY WINSTON

TAXA PULOU DE 20,4% PARA 20,7% DE JULHO PARA AGOSTO, O QUE CORRESPONDE A 193,1 MIL PESSOAS SEM EMPREGO

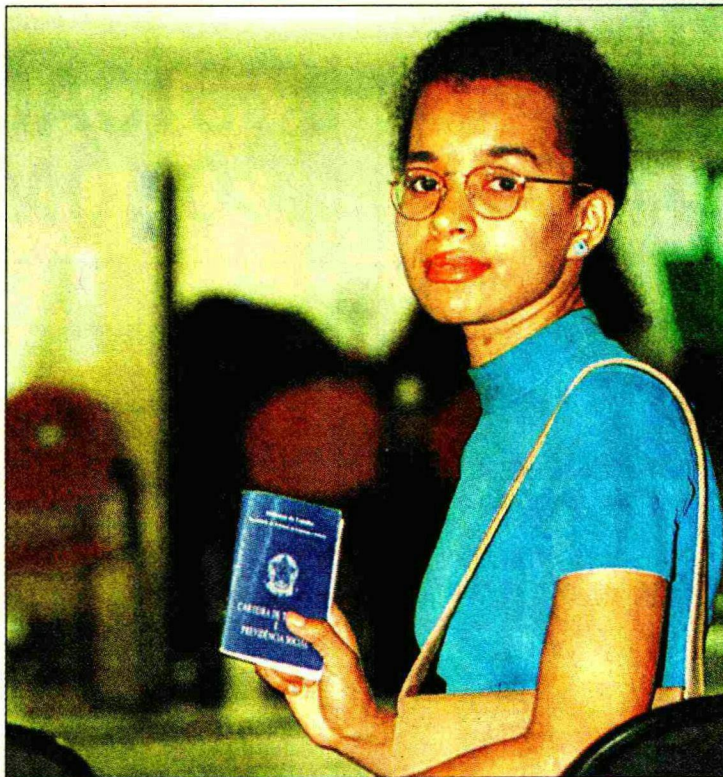
Lúcia Leal

A taxa de desemprego no Distrito Federal aumentou. A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) de agosto, divulgada ontem pela Secretaria de Trabalho, aponta elevação de 20,4%, registrada em julho, para 20,7%. Isso equivale a 193,1 mil desempregados no DF.

Apesar do aumento do índice, o nível ocupacional continua crescendo. Em julho, a PED registrou 736,5 mil pessoas trabalhando e em agosto o número subiu para 737,8 mil. Com isso, a taxa de trabalhadores ativos aumentou de 63,6% para 63,9%. Ou seja, 6,2 mil pessoas ingressaram no mercado de trabalho entre julho e agosto.

"O desemprego aumentou, mas a geração de empregos não parou, apenas andou em compasso mais lento", disse o subsecretário de Emprego e Renda do GDF, Nilton Guimarães.

Segundo ele, o desequilíbrio deve-se ao aumento da População Economicamente Ativa (PEA). A pesquisa apontou um crescimento da PEA de 924,7 mil pessoas, em julho, para 930,9 mil, em agosto. "A PEA aumentou mais que o desemprego e a ocupação. Por isso, e também pela situação do Brasil e do mundo, o índice de desemprego não é alarmante", analisou o subsecretário.



ADRIANA veio de Recife e depende da ajuda da família

De acordo com a coordenadora da pesquisa, Graça Ohana, o aumento da taxa de desemprego foi determinado pela elevação do desemprego oculto (pessoas que fazem "bico" e procuraram trabalho nos últimos 12 meses), que passou de 7,3% para 7,5%; e do desemprego aberto (quem não tem nenhuma ocupação e procurou emprego no último mês), que cresceu de 13,1% para 13,2%.

Em relação a julho, o desemprego manifestou-se em todos os segmentos populacionais, exceto para as pessoas acima de 40 anos, cuja taxa permaneceu em 10,1%. O grupo entre 18 e 24 anos

foi o mais afetado, pulando de 32,9% para 34%, com variação de 3,3%. Em segundo lugar, aparecem os que não são chefes de família (2,6%), seguidos pelos que não têm experiência profissional (2,6%) e os homens (2,4%).

Classe média foi a mais afetada pelo desemprego no mês de agosto. Taxa cresceu de 18,3% para 19,1% nesse segmento

O grupo 2, considerado de classe média e formado pela população do Gama, de Taguatinga, Sobradinho, Planaltina, Núcleo Bandeirante, Guará, Cruzeiro, Candangolândia e Riacho Fundo, foi o mais atingido pelo desemprego. A taxa subiu de 18,3% para 19,1%. Já no grupo 1, integrado por Brasília e Lagos Sul e Norte, houve redução de 9,2% para 8,9%.

Os números do desemprego

Indicadores	ago/00	jul/01	ago/01
Em mil pessoas:			
População economicamente ativa	901,6	924,7	930,9
Ocupados	735,1	736,5	737,8
Desempregados	166,5	188,2	193,1
Aberto	109,1	121,2	123,0
Oculto pelo trabalho precário	28,9	35,1	36,7
Oculto pelo desalento	28,5	31,9	33,4
Em percentual:			
Taxa de desemprego total	18,5	20,4	20,7
Aberto	12,1	13,1	13,2
Oculto pelo trabalho precário	3,2	3,8	3,9
Oculto pelo desalento	3,2	3,5	3,6

Fonte: PED/DF

EDITORIA DE ARTE/CÍCERO

Quem está na frente

Regiões pesquisadas	ago/00	mai/01	jun/01	jul/01	ago/01
Belo Horizonte	18,4	18,2	18,2	18,7	18,7
Distrito Federal	18,5	20,6	20,3	20,4	20,7
Porto Alegre	16,5	15,4	15,0	14,6	14,3
Recife	21,2	21,8	22,1	21,7	22,0
Salvador	26,7	28,3	27,8	28,4	nd
São Paulo	17,7	17,5	17,5	17,3	17,7

Fonte: PED/DF

EDITORIA DE ARTE/CÍCERO

Construção civil é a vilã

A construção civil foi o setor que mais desempregou trabalhadores, no DF, em agosto. A variação foi de 8,8% negativos em relação a julho. Em segundo lugar, ficou a indústria de transformação (-0,7%) e depois a administração pública (0,4%).

O que mais empregou foi o setor de serviços, com 125,6 colocações em agosto contra 125,3 em julho; e o de comércio, com 113,6 contra 110,3. A variação entre julho e agosto ficou em 0,2% para o setor de serviços e em 3%, para o comércio.

O subsecretário de Em-

prego e Renda, Nilton Guimarães, afirmou que a Secretaria de Trabalho está analisando o último resultado da Pesquisa de Emprego e Desemprego. Segundo ele, a expectativa é que o Pró-DF, à medida que for beneficiando mais empresários, possa reverter o quadro, oferecendo mais empregos.

Por outro lado, Guimarães comemora os números referentes à ocupação no DF. O setor privado empregou 25,5 mil pessoas entre agosto de 2000 e de 2001. O resultado equilibró o setor público, que eliminou 10,5 mil postos

de trabalho no mesmo período. Os números referentes aos trabalhadores autônomos apontam redução de 7,1 mil pessoas do mercado informal.

"Podemos deduzir que o número de assalariados com carteira de trabalho aumentou, o que é bom para o DF", avaliou o subsecretário.

Quanto à redução dos não assalariados, Guimarães acredita que se deve à diminuição da renda da classe média, a mais atingida pelo desemprego. "São diaristas e mensalistas, entre outros, que foram dispensados", diz. (L.L.)